

Indústrias química e têxtil, menos afetadas

por Severino Góes



Carlos Mariani Bittencourt

Entre os setores industriais, os fabricantes de produtos químicos e farmacêuticos, de têxteis e de papel e celulose são, talvez, dos menos afetados pela queda das atividades econômicas em 1983. A maior preocupação dos três ramos — ressaltada durante o II Colóquio Multi-Setorial Gazeta Mercantil/FGV/Iniciativa Privada — é a maneira como as prioridades de utilização do câmbio disponível serão alocadas pelo Banco Central. Embora nenhum dos setores tenha alto componente de insumos importados, existem itens de pequeno valor que são considerados essenciais para o processo produtivo.

Ainda esta semana, por exemplo, a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) deverá procurar o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, para “saber se existe alguma regra, mesmo não escrita” que possa balizar as atividades do setor, como afirma o presidente da entidade, Carlos Mariano Bittencourt. Horácio Cherkassky, presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose, é de opinião que o governo deve “criar prioridades bem objetivas e não políticas”.

Cada setor, de qualquer forma, tem suas peculiaridades. O setor químico, por exemplo, prevê que daqui por diante os investimentos serão feitos em pequenas unidades complementares e não haverá nenhum projeto de impacto como o Copesul, segundo Mariani Bittencourt. No momento, o setor químico de base e o de segundo estágio estão trabalhando a plena carga, tendo compensado uma pequena queda — de 6 a 7% — no mercado interno, com um considerável aumento das exportações. O segmento de produtos intermediários tem alguns bônus fracos, tais como fibras sintéticas, PVC e laminados, além de detergentes e produtos de limpeza e defensivos agrícolas.

Um dos fatos destacados durante o colóquio é o equilíbrio da balança comercial do setor químico em 1983. A previsão da Abi-

quim é de que as importações e exportações feitas pelo setor fiquem ao nível de US\$ 1,1 bilhão, enquanto, já em 1984, será alcançado o primeiro superávit. Mesmo assim, a participação das vendas externas do setor químico, neste ano, não ultrapassará 1% do comércio internacional de produtos químicos e petroquímicos em geral, o qual deverá somar US\$ 125 bilhões. Mariani Bittencourt acha os resultados expressivos. “A química era vista como o menino maldito das importações e estamos conseguindo este equilíbrio pelo aumento das nossas vendas externas”, afirma.

De fato, o setor evoluiu no mercado externo. Em 1980, o déficit do setor químico era da ordem de US\$ 2,6 bilhões — US\$ 3,1 bilhões em importações e US\$ 550 milhões em exportações. No ano seguinte, o déficit caiu para US\$ 1,2 bilhão (importações de US\$ 2,1 bilhões e exportações de US\$ 924 milhões). No ano passado, apesar da queda nas exportações para US\$ 900 milhões, o déficit caiu ainda mais (US\$ 910 milhões) graças à queda das importações, que ficaram ao redor de US\$ 1,81 bilhão. Embora superdimensionado para a atual queda recessiva do País, o setor químico está aproveitando um excesso de produção da ordem de 25%, representado pela entrada do pólo petroquímico sul, para alcançar o mercado externo.

Dentro da química, a indústria farmacêutica é eminentemente importadora, como lembra Walter Mesquita, presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma). Em 1983, o setor deverá repetir o desempenho do ano passado na balança comercial: importações de US\$ 270 milhões e exportações de US\$ 120 milhões. No primeiro semestre, as vendas ao nível do consumidor caíram entre 15 e 20%, situação que deverá perdurar até o final do ano, segundo a previsão de Walter Mesquita.

PAPEL E CELULOSE

O setor de papel e celulose deve ser analisado sob dois ângulos. A produção de embalgens é altamente dependente do desempenho da economia como um todo, enquanto a produção de papel de impressão e de escrever se mantém relativamente estável. Até agora, os dois setores têm conseguido manter-se em equilíbrio, embora até o final do ano seja esperada uma pequena

(Continua na página seguinte)

Indústrias química e...

por Severino Góes
(Continuação da página anterior)

queda devido à retração do mercado de embalagens. A estabilidade da produção foi conseguida, em parte, graças ao aumento das exportações, como lembra Horácio Cherkassky. Em 1983, o setor estima que as exportações serão de US\$ 600 milhões, enquanto as importações ficarão contidas em US\$ 160 milhões. E existe, também, a perspectiva de que os preços da celulose reajam no mercado internacional. De dezembro do ano pasado até agora, as cotações passaram de US\$ 320 para US\$ 390 a tonelada, e a estimativa é de que cheguem ao final do ano no mesmo nível do início de 1982 — US\$ 470 a tonelada.

TÊXTIL

Já o setor têxtil teve uma queda de 5 a 10% no mercado nacional este ano, compensada pelo aumento das exportações. O mercado está relativamente tumultuado pelo aumento nos preços de sua principal matéria-prima: o algodão teve um aumento de Cr\$ 300 para Cr\$ 900 o quilo, desde o início do ano. O ramo de confecções apresentou uma queda no nível de atividades entre 5 e 10%. Enquanto isso, o setor de calçados resistiu, até agora, em parte pelas exportações e em parte porque não foi atingido por reajustes de preços elevados. Mas alguns segmentos específicos do setor, como os de artigos para cama, mesa e banho, sofreram quedas acentuadas — de 30% — de 1982 até agora.